



BRASIL  Ferida tira Raphinha da atividade. Controle de carga preserva Gabriel Magalhães e Bruno Guimarães

# Bolha nos pés e no treino

MARCOS PAULO LIMA  
ENVIADO ESPECIAL

**N**ova Jersey — Neymar sem ir a campo há 20 dias. Casemiro e Ibañez amarelados no empate na Copa do Mundo, por 1 x 1, com Marrocos na estreia. Como se não bastassem esses problemas, outros surgiram quando o relógio apontou 5pm, ontem, no Centro de Treinamentos do Red Bull New York, em Morristown. As câmeras dos smartphones apontados para o rosto dos jogadores acostumados a dizer “bom dia” e “boa tarde” à imprensa miram para os pés.

O atacante Raphinha entra caminhando descalço rumo ao gramado. O zagueiro Gabriel Magalhães e o volante Bruno Guimarães usam tênis. O sentimento imediato é de que há algo de podre no reino de Carlo Ancelotti e uma correria para apurar as imagens surpreendentes a quatro dias do duelo com o Haiti na sexta-feira, às 21h30, no Lincoln Financial Field, pela segunda rodada do Grupo C da Copa do Mundo.

Raphinha desabou no grama do no apito final contra Marrocos. Passou um tempão deitado dentro da área do goleiro Bounou até ser levantado pelos companheiros. Causou estranheza. O motivo são bolhas bolha no pé direito. A ferida estava protegida por uma bandagem. O titular não apresentava dificuldade, mas evitou contato com a palmilha da chuteira para não piorar o problema. Em princípio, não preocupa e enfrentará o Haiti.

Os outros dois problemas dizem

Mauro Pimentel/AFP



Movimentação foi primeiro ensaio da Seleção Brasileira para medir forças com os haitianos na segunda rodada. Treino de hoje será fechado

respeito ao cansaço. O zagueiro Gabriel Magalhães disputou 51 jogos pelo Arsenal na temporada europeia. O quarto no ranking atrás apenas de Zubimendi (57), Declan Rice (55), Eze e Gabriel Martinelli (52). A comissão técnica decidiu preservar o beque na atividade em troca do controle de carga.

Bruno Guimarães sofreu uma lesão recente de grau 3 na coxa. Temeu ficar fora da Copa do Mundo depois de dois meses parado. Ele também ficou na turma do controle de carga. Assim como Gabriel Magalhães, o volante ultrapassou a marca dos 50 jogos em 2025/2026. No último sábado, correu mais

para trás do que para a frente contra o envolvente Marrocos.

Por falar em bolhas e em controle de carga, a atividade de hoje será totalmente privativa. Os jornalistas não terão acesso. O acesso será restrito aos familiares dos jogadores. Carlo Ancelotti tem várias dúvidas. Ibañez não

correspondeu na lateral direita e pode dar lugar a Danilo. Alex Sandro tem chance de ganhar a vaga de Douglas Santos. Lucas Paquetá é ameaçado por Danilo Santos, do Botafogo. No ataque, Matheus Cunha deve recuperar a função ocupada por Igor Thiago no empate diante dos marroquinos.

## Tropeço não abala a fé

PAULO GALVÃO  
ENVIADO ESPECIAL

**Dallas (EUA)** — A Seleção Brasileira já se prepara para a segunda rodada, mas a estreia ainda está na cabeça de muitos torcedores. Final, o empate, por 1 x 1, com o Marrocos pode até ser considerado normal, mas o mal futebol apresentado no primeiro tempo, quando chegou a ser dominada pelo adversário, não.

O técnico Carlo Ancelotti admitiu que a equipe não foi bem. “Temos que acertar mais”, afirmou. É justamente o que esperam os entusiastas da Canarinha. “Foi o jogo mais difícil do grupo, mas o Brasil poderia ter entregado um pouco mais, confesso ter ficado um pouco decepcionado”, disse o engenheiro Marcelo Locatelli, que é de Londrina (PR), mas mora em Dallas, no Texas.

O paranaense acompanhou a estreia do Brasil no Fan Fest. Os gringos, inclusive, pareceram mais animados com o Escrete Canarinho. “O Brasil é um time muito forte sempre. Estou torcendo por ele e por Portugal, pois minha família é portuguesa”, disse o auxiliar administrativo venezuelano Alejandro Fernandes.

Mas a força dita por ele precisa ser mostrada em campo pela Seleção, que tem no próximo adversário, reconhecidamente frágil, a chance de deslanchar. “De qualquer forma, continuo confiante. Contra o Haiti, se for menos de cinco, eu nem comemoro”, declarou o agente penitenciário Wellington Braga, do Rio.

## HAITI Sanon, o “Pelé” haitiano que parou Zoff

O Haiti tem dois gols na Copa. Ambos marcados pelo mesmo personagem há 52 anos: Wilfried Louis Emmanuel Sanon, o Manno Sanon. Para o futebol do país, ele representa muito mais do que um ex-atacante. É o símbolo da maior façanha do esporte nacional.

A história remete a 1974. O Haiti jamais havia disputado o Mundial e surpreendeu a Concacaf. Deixou para trás concorrentes tradicionais, assegurou presença na Alemanha e tornou-se o primeiro representante do Caribe em uma Copa desde Cuba, em 1938.

Sanon era a referência do elenco haitiano. Rápido, oportunista e decisivo, concentrava as esperanças de uma nação que encontrava no futebol a projeção internacional.

A estreia parecia um exercício de sobrevivência. Do outro lado estava a poderosa Itália. Na meta,

um dos maiores goleiros de todos os tempos: Dino Zoff. Os primeiros 45 minutos terminaram sem alteração no placar. Para os haitianos, aquilo tinha sabor de feito.

O melhor estava por vir. Logo após o reinício, Philippe Vobe encontrou Sanon em velocidade. O camisa 9 ganhou da marcação e tocou na saída de Zoff. Haiti 1 x 0.

Por alguns instantes, o improvável tomou conta da Alemanha. A jogada teve um peso ainda maior. O atacante acabava de interromper uma sequência de 1.142 minutos sem que Dino Zoff fosse vazado defendendo a seleção italiana. A marca considerada inalcançável caiu diante de um desconhecido vindo da América Central.

A Itália reagiu. Venceu por 3 x 1 e seguiu a caminhada naquele torneio. O resultado, porém, tornou-se secundário. A

arrancada de Sanon atravessou décadas e permanece como uma das imagens mais celebradas do futebol haitiano.

O atacante guardava mais um capítulo para aquela competição. Depois da goleada sofrida por 7 x 0 diante da Polônia, os caribenhos encerraram a participação contra a Argentina. Na derrota por 4 x 1, Sanon voltou a marcar. Era o segundo gol no Mundial.

Seria também o último da seleção haitiana em Copas durante mais de cinco décadas. Nenhum compatriota repetiu o feito desde então.

A repercussão daquele torneio abriu as portas da Europa. O atacante se transferiu para o Beerschot, da Bélgica, virou ídolo e conquistou a Copa da Bélgica. Pelo Haiti, acumulou 37 gols em 65 partidas e se consolidou como a principal referência do futebol haitiano.

O reconhecimento veio em diferentes formas. Em 1994, a revista *France Football* incluiu o nome dele entre os 100 heróis dos Mundiais. Cinco anos depois, recebeu o título de Atleta Haitiano do Século. Uma distinção rara para quem participou de apenas três partidas na principal competição do planeta.

Wilfried Louis Emmanuel Sanon morreu em 2008, aos 56 anos, vítima de câncer no pâncreas. A presença do ex-atacante, no entanto, continua viva na memória coletiva do país. Sempre que a seleção desafia adversários mais poderosos, a lembrança daquela arrancada contra a Itália ressurge. Não será diferente contra o Brasil. O time de Carlo Ancelotti foi vazado nas últimas seis partidas. Há craques que deixam números. Outros, legado. Sanon é deste time. (MPL)



Atacante marcou os únicos gols do país na história das Copas do Mundo

## DRIBLÉ DE CORPO NA COPA



Alerta da Copa do Mundo de 2010 faz opinião de um dos homens de confiança do técnico Carlo Ancelotti ser fundamental para o cansaço físico e emocional não minar a caça ao hexa no Mundial da Fifa de 2026

Marcos Paulo Lima

## Por que Ancelotti precisa ouvir Juan

Aos 47 anos, Juan Silveira dos Santos é uma peça importante no organograma da CBF. O zagueiro titular nas edições de 2006 e de 2010 da Copa do Mundo é o gerente técnico da Seleção. Um dos homens de confiança do técnico Carlo Ancelotti e do diretor Rodrigo Caetano, ele precisa ser ouvido pelo italiano.

Vou explicar o motivo...

Em 2010, Juan formava dupla de zaga com Lúcio no time de Dunga. Por sinal, a mesma dupla escolhida por Carlos Alberto Parreira em 2006. A retaguarda era um dos pontos fortes do Brasil. O time liderado pelo capitão do tetra sofria pouco na defesa e tinha uma arma letal: o

contra-ataque. Foi assim até a Copa começar na terra de Nelson Mandela. O Brasil tomou gol da Coreia do Norte na estreia e sofreu para vencer por 2 x 1.

A defesa tinha três jogadores importantíssimos: o goleiro Julio Cesar, o lateral Maicon e o xerife brasileiro Lúcio. O trio jogava na Internazionale. Antes da Copa, a trupe italiana, liderada à época por José Mourinho, alcançou a finalíssima da Champions League contra o Bayern de Munique, no Santiago Bernabéu, em Madri. Venceu o jogo por 2 x 0.

O que parecia bom, na verdade, foi ruim. Os três desembarcaram na África do Sul exaustos não somente

pela temporada desgastante e a necessidade de entregar até a última gota de suor pela Internazionale, mas pela necessidade de seguir entregando o máximo pelo hexa depois de aquele Brasil ganhar Copa América (2007), Copa das Confederações (2009) e terminar as Eliminatórias Sul-Americana disparado como campeão simbólico, com direito a goleada contra o Uruguai por 4 x 0, em Montevidéu, e triunfo por 3 x 1 contra a Argentina, em Rosário.

Como se não bastasse o cansaço físico, pesou o mental. Maicon fez gol na estreia contra a Coreia do Sul. Ao contrário do penta, em 2002, Lúcio estava seguro com a faixa de

capitão. Juan entregou a excelência de sempre. O problema inesperado aconteceu no gol.

Julio Cesar aterrissou na Copa como melhor goleiro do mundo. Havia feito uma temporada extraordinária pela Internazionale. Controlou quase tudo, menos a exaustão. Isso estourou nas quartas de final contra a Holanda. Cometeu erros que não aconteceriam em condições normais. Trombou com Felipe Melo no primeiro gol de Sneijder. A Laranja Mecânica virou a partida para 2 x 1 e mandou o Brasil mais cedo para casa.

O que Juan tem a ver com isso se ele jogava na Roma à época? Ele atuava na defesa com Julio Cesar, Maicon, Lúcio e Michel Bastos. Sabia do peso da temporada da Inter no corpo de três dos cinco companheiros. Julio Cesar era um baita goleiro, mas

bastou um segundo de desatenção, autoconfiança e exaustão mental para minar o trabalho.

A defesa do Brasil na Copa teve os dois zagueiros na final da Champions entre Paris Saint-Germain e Arsenal. Marquinhos e Gabriel Magalhães. O fardo físico e emocional é pesadíssimo. O capitão falhou no primeiro jogo depois daquela decisão. Recuou a bola errado para Alisson no gol do Egito. Magalhães foi poupado da partida devido ao trauma psicológico do pênalti que perdeu para o Arsenal e consagrou o PSG campeão.

O gol do Marrocos, no sábado passado, marcado por Ismael Saibari é uma combinação de erros iniciados com Paquetá, que estourou justamente no meio da dupla de zaga de Ancelotti, mal posicionada, e na saída precipitada de Alisson. Tudo errado.

Assim como Ancelotti, Juan tem experiência. Uma conversa entre eles sobre a situação de Marquinhos e Gabriel Magalhães é fundamental, sob pena de vermos o filme de 2010 se repetir devido ao estresse de uma temporada inteira. Isso diz respeito também a Vinicius Junior, o convocado que mais entrou em campo em 2025/2026. Embora fale pouco do vestiário para fora, Juan tem voz ativa internamente e pode ajudar.

Não se trata de tirá-los do time, mas de compactar a Seleção, formar um cinturão sólido de proteção. Lembrete de Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho blindando Aldair e Márcio Santos no tetra em 1994? É mais ou menos por aí... Do contrário, ambos terão de correr mais do que o necessário e o esgotamento pode custar caríssimo ao sonho do hexa.